


ENTRE AS ESCRITAS DE SI E OS ESTUDOS TEMÁTICOS DO SÉCULO XIX: ENTREVISTA COM ANA MARIA RUFINO GILLIES


doi 10.5935/2177-6644.20220049



Cibeli Grochoski *

 <https://orcid.org/0000-0003-2375-3534>


Ingrid Taylana Machado **


 <https://orcid.org/0000-0002-3913-5231>

Ana Maria Rufino Gillies possui licenciatura (1999) pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), mestrado (2002) e doutorado (2010) em História, realizados na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente a Dra. Ana Maria é professora no programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e também no Colegiado de Artes Visuais na FAP da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), em Curitiba – PR.

Desenvolve pesquisas relacionadas às temáticas do século XIX como: as relações entre escravidão e imigração; escravidão; imigração; presença britânica (imigrantes e negócios no Paraná e outras regiões do Brasil) e História Cultural (cotidiano, sociabilidades, espaços de sociabilidades, práticas culturais).

Em suas produções, discute e utiliza-se de conceitos como memória, identidade, alteridade, representação e escrita de si/estudos autobiográficos (diários, memórias); teorias de processo civilizatório e estabelecidos-*outsiders*; História das Mulheres. Utiliza como fontes a imprensa periódica, documentos/discursos oficiais/institucionais e acervos privados para a escrita da história; interessa-se pela relação entre História e Arte, temática que vem ganhando espaço em suas pesquisas recentes (PEREIRA; GILLIES, 2017; 2018). Faz parte do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Artes da FAP e do Grupo de Estudos em História Cultural da UNICENTRO Irati.

* Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).  <http://lattes.cnpq.br/5476559723082304> - E-mail: cibeli_grochoski@yahoo.com.br.

** Mestra em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO, *Campus Irati*).  <http://lattes.cnpq.br/0939127863954288> - E-mail: ingriditaylana@hotmail.com.

A entrevista com a professora Dra. Ana Maria Rufino Gilles foi realizada em junho de 2021, ocorrendo através da plataforma digital (*Skype*). Isso se deu devido ao quadro pandêmico do COVID-19 que nos impediu de termos um encontro presencial, desta forma a entrevista foi conduzida seguindo os princípios da História Oral, mas no ambiente digital.

Desde os primeiros meses de 2020 eclodiu a pandemia da COVID-19 que nos gerou um período de quarentena e restrição do convívio social. O *home Office* foi uma solução encontrada para um momento que inviabiliza diálogos presenciais. No período em que estamos vivendo cresceu o número de pesquisadores que estão recorrendo às entrevistas virtuais/*online* o que tem contribuído também, para uma revisão sobre história oral e entrevistas à distância (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020).

A pandemia vivenciada por conta do COVID-19, tem acometido o extrato social, trata-se de uma doença causada pelo corona vírus, que foi nomeado de Sars-CoV-2 (OLIVEIRA; SOUZA, 2020). Desta forma, não poupando nenhuma atividade, seja ela coletiva ou individual, repercutindo na vida de cada sujeito à sua maneira. Em situações como estas o pesquisadores passam a se reinventar, para se adequar à nova realidade em que se encontram. Certeau (1998) nos possibilita compreender estas reinvenções pelas quais perpassamos. Uma realidade que nos é dada estrategicamente, e as possibilidades de reinvenção deste cotidiano, pois nem tudo aquilo que é objetivado em sua concepção intencional, como produto de uma estratégia, é inteiramente interiorizado pelo seu destinatário ou indivíduo. Desta forma, há a possibilidade da existência de uma margem de ação inventiva na qual o sujeito pode operar invertendo situações e forçando uma outra realidade. A oralidade como fonte passou por esta reinvenção em seus métodos.

Branco (2020) destaca que no século XXI, estamos imersos em novas tecnologias da informação e da comunicação, que, conseqüentemente, passam a gerar novos métodos de pesquisas. Estes mecanismos servem a diferentes áreas do conhecimento, tanto em acesso a bibliotecas virtuais, informações por mídias digitais, como acontece com as entrevistas. Logo, em meio a estas transformações e readequação do/a pesquisador(a), este novo vislumbre abarca variadas perspectivas no que tange aos procedimentos metodológicos utilizados para concretização das pesquisas científicas. Observamos novos caminhos sendo trilhados, para que as entrevistas orais cheguem aos artigos acadêmicos e ao conhecimento público.

Por isso, optamos por estes contornos da pesquisa, para que ela pudesse ser construída e efetivada. Um dos principais aditivos foi que as fontes orais nos permitiram uma concepção ampliada acerca de uma parte da trajetória de vida da nossa entrevistada, possibilitando a

reconstrução de acontecimentos e, juntamente, a edificação de sua narrativa, guardando as memórias dos momentos acadêmicos vivenciados.

Durante nossa entrevista, abordamos algumas questões importantes da trajetória acadêmica da docente, tais como, a sua tese, que posteriormente tornou-se uma publicação em livro, *O diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860-1890): memórias, trabalho e sociabilidade*, um marco protuberante em suas pesquisas (GILLIES, 2017).

Logo, o contato com a professora Dra. Ana Maria Rufino Gillies foi de caráter temático abordando aspectos da trajetória acadêmica e profissional da entrevistada. Estabelecemos a entrevista em alguns eixos, trabalhando certas etapas da vida acadêmica da professora entrevistada.

Entrevista

Entrevistadora: Professora Ana Maria, você poderia falar um pouco sobre sua trajetória acadêmica e profissional ao longo dos anos?

Ana Maria Rufino Gillies: Meu primeiro curso acadêmico foi em Direito, que cursei por três anos e parei quando me casei no final de 1977 e me mudei para Curitiba. Naquele tempo, havia uma tendência de as mulheres priorizarem a vida familiar, a despeito de seu desejo de continuar e crescer na vida acadêmica e profissional. Mas em 1995, após passar anos estudando uma diversidade de idiomas estrangeiros, voltei à universidade, desta vez, estudando História (graduação, mestrado e doutorado). Profissionalmente, por muitos anos trabalhei em empresas, iniciando como datilógrafa aos 16 anos e chegando à Secretária da Presidência em empresas de São Paulo e também em Curitiba. Também fui professora de Inglês e tradutora por cerca de 10 anos. Mas após finalizar a graduação em História, em 1999, prestei concurso, fui aprovada e passei a ser professora do Quadro Permanente do Magistério Estadual em Curitiba, onde fui professora de História no ensino fundamental e médio por aproximadamente quatro anos. Ao terminar o Mestrado, que cursei entre os anos de 2000 e 2002, fui professora colaboradora na Unicentro e na Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Ao terminar o Doutorado, cursado entre 2006 e 2010, prestei concurso novamente, fui aprovada e ingressei na Unicentro, desta vez como efetiva, no curso de História. Agora, desde 2020, estou na Faculdade de Artes do Paraná, parte integrante da Unespar *Campus II* Curitiba, como professora no Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Na Unicentro, exerci cargos administrativos, Na coordenação do Núcleo de Estudos Afro-Raciais, na Divisão de Promoção Cultural e como Chefe do Departamento de História, fui também Conselheira do CAD (Conselho

de Administração). Na FAP, além das aulas, presto assessoria lingüística em língua inglesa às Revistas científicas desde 2020 e agora, a partir de 2021, ao Escritório de Relações Internacionais. De fato, são muitas tarefas, mas realizadas com prazer.

Entrevistadora: Você poderia comentar um pouco sobre os resultados de sua monografia *Henrique de Beaurepaire Rohan: razão e sensibilidade no século XIX*, (1998), a ligação dela com o objeto de pesquisa da sua dissertação *Políticas públicas e utensilagem mental: uma análise das reformas propostas por Henrique de Beaurepaire Rohan em 1856 e 1878*, bem como, seus resultados?

Ana Maria Rufino Gillies: Eu “conheci” Henrique de Beaurepaire Rohan por meio do periódico *Dezenove de Dezembro* quando a professora Roseli Boschilia ¹ levou nossa turma de graduação para uma visita à Casa da Memória em Curitiba. Me apaixonei pelo sujeito. Formado pela Academia Real Militar, ele era tenente coronel engenheiro do Exército e exerceu funções de Secretário de Obras na Corte, de Vice-Presidente e Presidente de várias províncias do Império, inclusive da Província do Paraná, foi Ministro da Guerra no início da Guerra do Paraguai, e foi considerado um dos homens de confiança do imperador Dom Pedro II. Eu cito essas funções porque conhecer o país que ajudou a governar, deu-lhe a chance de propor reformas interessantes, hoje entendidas como conservadoras, uma das quais – o repartimento da terra, para manter famílias escravas circunscritas à terra e à produção agrícola – refere-se ao que atualmente denominamos de reforma agrária, e a outra tem a ver com o que denominamos de educação profissionalizante, que seria voltada aos filhos de escravo/as, para alfabetizá-los e inseri-los num eventual mundo do trabalho livre. Essas propostas, embora consideradas positivas por parcelas das elites consultadas durante o Congresso Agrícola de 1877, não se transformaram em políticas públicas, uma vez que foi fortalecida a política de imigração, ou seja, a inclusão de imigrantes europeus e brancos, e a exclusão dos negros, impedindo o acesso desses à terra, à educação e, eventualmente, dificultando-lhes o ingresso no mundo do trabalho assalariado. Naturalmente houve exceções de trajetórias, mas não se pode, não nesse caso correspondente à marginalização dos negros, não se pode tomar o destino histórico dessa parcela da população brasileira, pelas exceções.

Entrevistadora: Em sua tese *O diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860-1890): Memórias, trabalho e sociabilidade* (2014), você utilizou como fonte um diário, como você

¹ Professora associada nos cursos de Graduação e Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Paraná e do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), da Universidade Aberta de Portugal (UAB).

encontrou o diário de Caroline Tamplin? Gostaríamos que você falasse sobre seu trabalho e a utilização da escrita de si e o conceito de sociabilidades, qual a sua afinidade e resultados posteriormente.

Ana Maria Rufino Gillies: Para o doutorado, eu pretendia investigar algo que tivesse relação com minhas pesquisas de mestrado. Eu desejava pesquisar trajetórias dos negros no pós-abolição. Mas outras fontes me levaram em outra direção. Pesquisando sobre imigração, eu descobri uma longa lista de documentos relacionados a imigrantes britânicos no Arquivo Público do Paraná. Como meu marido, Ian Robert Gillies (falecido em 2018), era britânico e se interessava por história, passei as listas para ele, o qual iniciou uma intensa pesquisa e acabou escrevendo um livro no estilo romance histórico, em inglês, (que não foi publicado). Durante sua pesquisa, conheceu a família Tamplin, descendente de imigrantes britânicos que vieram para a província do Paraná em 1868, e esta família entregou o diário para ele. Para encurtar a história, quando professores da Universidade Federal do Paraná souberam do diário, me encorajaram a tomá-lo como fonte e foi a fonte que demandou pensar sobre a escrita do diário como escrita de si, como representação de si, como registro de aspectos selecionados do cotidiano, acima de tudo o cotidiano da capital da província, e as muitas formas de sociabilidades estabelecidas naquele tempo e lugar. O diário se caracterizou também como uma prestação de contas de uma mulher viúva e estrangeira que, diferentemente de algumas outras na mesma condição, não retornou ao seu país, mas ficou, enfrentou muitas dificuldades, e passou de *outsider* para uma quase estabelecida, ou seja, sua educação, cultura e refinamento lhe asseguraram uma circulação entre parcelas da elite local, porém não sem enfrentar alguns desafios. Para a escrita da tese, o que estava narrado no diário me levou a pesquisar outras fontes para verificar a veracidade de parte dos fatos ali lançados. Com esse objetivo investigativo, utilizei o periódico *Dezenove de Dezembro*² e documentação oficial da administração provincial. As formas de sociabilidades privadas, em que as pessoas se reuniam pelo puro prazer, ou quando se reuniam movidas por conteúdos específicos e em espaços públicos, para usar uma expressão de Georg Simmel (1985), estão narradas tanto no diário quanto no periódico citado. De todo modo, percebi uma imbricação entre trabalho, sociabilidades e representações de si no diário de minha biografada.

Entrevistadora: Gostaríamos que a professora falasse sobre sua proximidade com os estudos da História da Arte, e sobre o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Artes da FAP, e do Grupo de

² O *Dezenove de Dezembro* está disponível digitalmente no site da Biblioteca Nacional, por meio da Hemeroteca digital, por intermédio do link: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>.

Estudos em História Cultural da UNICENTRO.

Ana Maria Rufino Gillies: Em termos conceituais o que mais aproxima o estudo sobre a História das Artes Visuais aos Estudos em História Cultural é o conceito de representação. As artes, no caso, as narrativas visuais, e a história produzem representações e essas produções são grandemente responsáveis pelas representações que nós criamos dos outros – lugares, pessoas, culturas. A história das artes que estudamos é acentuadamente eurocêntrica, mesmo quando estudamos e ensinamos história da arte brasileira, ou história da arte paranaense. Orientamo-nos por uma periodicidade eurocêntrica, por uma estilística eurocêntrica, e mesmo a crítica decolonialista, é decolonialista porque em diálogo com a arte eurocêntrica. A produção de arte visual também é responsável pela produção de memórias, de “esquecimentos”/ exclusões/ apagamentos, abstenções. A História Cultural estuda os modos de pensar, de viver e de fazer, logo, há uma profunda relação entre Arte, Cultura e, para utilizar um conceito de Lucien Fébvre (1989), utensilagem mental, ou seja, tudo que num determinado contexto, influencia os homens em seus modos de pensar e em suas ações. Atualmente estou realizando um estudo da relação entre Arte, História e Memória, que engloba os conceitos de identidades e representações. Está sendo uma experiência interessante, uma pesquisa em construção. Na verdade, a produção de artes visuais está tão imbricada ao contexto e suas tensões – como a questão das identidades nacionais e regionais – que o potencial para o estabelecimento dessas relações é amplo e instigante.

Entrevistadora: Visto que a professora realizou pesquisas que estão ligadas ao conceito de memória, poderia falar um pouco sobre suas pesquisas desenvolvidas e orientadas que possuam a utilização do conceito de memória e os autores teóricos utilizados?

Ana Maria Rufino Gillies: Analisando a minha infelizmente modesta produção e as minhas orientações, observo que tendo a me interessar por pesquisas que discutem, além de memória, identidades, representações e imagens (materiais e imateriais) como fontes para a compreensão da História. Indivíduos e grupos produzem representações de si e dos outros, enaltecendo-se, quando estabelecidos, por vezes estigmatizando ou excluindo da história aqueles mantidos à margem, os *outsiders*. A produção de representações tem a ver com as tensões suscitadas pelas relações de poder. Quanto à memória, tenho observado como ela é construída, parcialmente inventada, alimentada e mantida, mas ela não corresponde nunca à totalidade do acontecido, e ela é seletiva. Gosto da concepção de memória coletiva de Maurice Halbwachs (1990), das reflexões de Pierre

Nora (1993), das discussões de Roger Chartier (1988) sobre representações, das análises interdisciplinares em História Cultural de Sandra Jatahy Pesavento (2003), de Norbert Elias (2000) e suas configurações entre estabelecidos e *outsiders*, Jacques Le Goff (2003), Michael Pollak (1989), Philippe Artières (1998), Philippe Lejeune (1997), Ângela de Castro Gomes (2004). Quanto às orientações, Cibeli Grochoski (2018) escreveu sobre o *Korovai*, um preparado ucraniano que integra momentos importantes na comunidade de descendentes, que o cultiva como traço de sua identidade. Pamela Daiane Bilibio (2018) escreveu sobre as memórias de um senhor que anotava os ‘fatos mais importantes de sua vida’ num caderno que podemos chamar de anuário. Mas mesmo as dissertações que alguns orientandos desenvolveram no Mestrado, relacionadas à escravidão Marcelo Alberto Pinto (2018), Cristiane da Rosa Elias (2020), Leo Marcos Mehret Filho (2021), ou à prática de tradições étnico-culturais, Nikolas Corrent (2019), tem a ver com a memória de acontecimentos que, como narrativa histórica tem mais chances de não cair no esquecimento. Mas o trabalho continua, com pesquisas de alunos do PPGH da Unicentro e da graduação em artes visuais da FAP-Unespar, e também em minhas pesquisas atuais, em que os sujeitos da história se apresentam, de fato, como agentes históricos, quer sejam os escravizados ou as mulheres, cujas tentativas de submetê-los oportunizou conhecermos suas resistências e re-existências, no passado e no presente. Ainda sobre memória, devo acrescentar que, em razão da minha tese sobre uma imigrante britânica e alguns artigos que publiquei (2013; 2014; 2017) sobre britânicos, tem havido uma tendência constante de famílias descendentes daqueles imigrantes, no Brasil e na Inglaterra, me consultarem solicitando informações e/ou enviando seus pequenos acervos, de cartas escritas por ingleses que viveram na Colônia do Assunguy, para que eu escreva sobre seus antepassados, historicizando suas experiências. Isto evidencia a importância que se dá à preservação de memórias por meio da escrita da história. Para finalizar, não posso deixar de mencionar os atos recentes de ataques a monumentos outrora erigidos em homenagem a personagens de uma história de opressão, como os Bandeirantes - contrapondo-se a estes, novos monumentos em memória a personagens que elites do passado e mesmo do presente não tiveram interesse em homenagear – como o, agora reconhecido, Arquiteto negro Joaquim Pinto de Oliveira, Tebas (1721-1811).

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998.

BILIBIO, Pâmela Daiane. **O diário de João Baptista Gubert, um personagem da história de Teixeira Soares**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Irati: Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, 2018.

BRANCO, Samantha Castelo. **História oral**: reflexões sobre aplicações e implicações. São Paulo: Norus, 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988.

CORRENT, Nikolas. **Irmadade dos Cossacos de Prudentópolis/PR**: imigração, identidade e religiosidade. Dissertação (Mestrado em História), Irati: Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, 2019.

ELIAS, Cristiane da Rosa. **Por uma história do negro em Itapira**: antiga Vila da Penha do Rio do Peixe (1869-1888). Dissertação (Mestrado em História), Irati: Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, 2020.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000;

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **Henrique de Beaurepaire Rohan**: Razão e Sensibilidade no século XIX. Monografia (Licenciatura em História), Irati: Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, 1998.

GILLIES, Ana Maria Rufino. A educação no diário de uma imigrante britânica e em outros escritos na província do Paraná. **Educação em Questão**, v. 55, 2017, p. 51-73.

GILLIES, Ana Maria Rufino. Ingleses no Brasil: Imaginário, representações e as diferentes configurações sociais da presença britânica no Brasil do século XIX. **Investigaciones Socio-Históricas Regionales**, v. 4, 2014, p. 23.

GILLIES, Ana Maria Rufino. Uma imigrante britânica na segunda metade do século XIX: na escrita de seu diário, memória, história e representação de si. **Diálogos**, v. 17, 2013, p. 227.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **O Diário de uma imigrante britânica no Paraná – (1860 – 1890) memórias, trabalho e sociabilidades**. Curitiba: SAMP, 2014.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

GROCHOSKI, Cibeli; GILLIES, Ana Maria Rufino. Das memórias do *Korovai* à identidade de um povo - Ivaí, PR:1908-2017. **A Margem**, v. 14, 2018, p. 27-56.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEJEUNE, Philippe. O guarda memória. **Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, 1997, p. 111-119.

MEHRET FILHO, Leo Marcos. **A escravidão na província do Paraná: fugas de escravizados** publicadas no periódico *Dezenove de Dezembro* (1854-1888). Dissertação (Mestrado em História), Irati: Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, n. 10, 1993.

OLIVEIRA, Hudson do Vale de; SOUZA, Francimeire Sales de. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (covid-19). **Revista UFRR**, 2020.

PEREIRA, Bruno César; GILLIES, Ana Maria R.. Literatura, Arte e História no Brasil Imperial: entre a busca da identidade nacional, do cotidiano e do imaginário da sociedade oitocentista brasileira. **Sobre Ontens**, v. 2, 2017, p. 1-17.

PEREIRA, Bruno César; GILLIES, Ana Maria R.. Romances Urbanos: A representação da mulher na literatura brasileira do século XIX a partir de uma análise das obras *Memórias de Um Sargento de Milícias* (1854) e *Senhora* (1875). **Revista História em Reflexão - Revista Eletrônica**, v. 12, 2018, p. 137-160.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINTO, Marcelo Alberto. **Escravos e libertos: ações de liberdade em Guarapuava entre 1860-1888**. Dissertação (Mestrado em História), Irati: Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, v. 27, 2020, p. 1-18.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985. p. 165-181.

Recebido em: 27 de outubro de 2021.

Aprovado em: 10 de fevereiro de 2022.